Taísa Giannecchini Souza Neiva

A Interpretação para a Fonoaudiologia: Primeiras Questões

Mestrado em Fonoaudiologia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2001

Taísa Giannecchini Souza Neiva

A Interpretação para a Fonoaudiologia: Primeiras Questões

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título
de Mestre em Fonoaudiologia, sob a orientação
da Prof. Dra. Regina Maria Freire.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2001

Ficha catalográfica elaborada pela Bib. Nadir Gouvêa Kfouri - PUCSP

DM
616.85 Neiva, Taísa Giannecchini Souza
N A interpretação para a fonoaudiologia: primeiras questões. - São Paulo: s.n., 2001.

Dissertação (Mestrado) - PUCSP
Programa: Fonoaudiologia
Orientador: Freire, Regina Maria

1. Fonoaudiologia.

Palavra-Chave: Prática fonoaudiológica - Aquisição da linguagem - Análise de discurso - Clínica fonoaudiológica

Ao ***Jonas***

que, acreditando nas minhas

buscas e escolhas, sempre se faz

meu interlocutor, também envolvido com

as questões que me apaixonam

na Fonoaudiologia.

*A **Marisa**, minha mãe,*

minha primeira linguagem

em forma de poesia.

*A **Ludo**, meu pai,*

por me mostrar que, para além

do estado de coisas, há os estados

de alma.

*A **meus sobrinhos** –*

crianças que vivem à minha roda –

permitindo meu olhar observador,

pautado pela paixão

fora e dentro da Fonoaudiologia.

*A **minha família***

com quem sempre exercito o diálogo

em sua forma mais construtiva.

*A **Priscila Amorim**,*

***Cláudia Cotes** e*

***Adriana Vinholy**,*

por uma cumplicidade

feita de diferentes linguagens.

*A **Lúcia**,*

cuja presença em minha casa

permite a escuta da minha linguagem,

acolhendo-me com sua forma de amar.

Agradecimentos

A *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, pela oportunidade de nela desenvolver meu trabalho de pós-graduação.

A *Prof. Dra. Regina Maria Freire*, por ter-me aceitado como orientanda e palas contribuições abertas ao diálogo ao longo da construção deste trabalho.

A *Prof. Dra. Sílvia Friedman*, por sua adesão intelectual e sobretudo afetiva a meu percurso de produção científica.

A *Prof. Dra. Nina Virgínia Araujo Leite*, pelo diálogo consistente e abertura de discussão, a partir da qualificação deste trabalho.

A meus professores formadores, em especial *Prof. Dra. Mariza Ribeiro Feinimann*, que me fizeram acreditar na importância da investigação para ser um profissional em Fonoaudiologia em busca de nível de excelência.

A *paciente J.* cujo relato se encontra no corpo do trabalho, que contribuiu para eu praticar meu exercício clínico e avaliar minha conduta profissional ao longo de nossos encontros.

A *todos meus pacientes atendidos ou em atendimento* cujas histórias não foram traduzidas neste trabalho, mas permitem organizar meu olhar para as questões pertinentes à clínica que sempre deslocam o ponto final.

Comissão Julgadora:

_____

_____

_____

Resumo

O trabalho intitulado **A Interpretação na Fonoaudiologia: Primeiras Questões** foi desenvolvido com o objetivo de investigar a interpretação particular desse campo de conhecimento. Para tanto, valeu-se das contribuições da Lingüística em geral e de suas disciplinas, Análise de Discurso e Projeto Interacionista em aquisição de linguagem, uma vez que o foco comum é a linguagem.

Em busca de entender pontos comuns e especificidades, permitiu-se o diálogo com a Análise de Discurso, por essa entender a ideologia como pressuposto básico na construção de discursos e por privilegiar o enfoque ao sujeito, suporte de investimentos ideológicos que emergem de sua cultura. Além disso, a interpretação imposta pela Análise de Discurso, enquanto disciplina teórica, exigindo a construção de dispositivos que a vinculem com uma teoria, criou para a Fonoaudiologia a possibilidade de também propor dispositivos que norteiem teoricamente sua interpretação.

O diálogo com o Projeto Interacionista em aquisição de linguagem propôs a discussão sobre o erro nessa disciplina e também o deslocamento para entendê-lo, em sua especificidade, no campo fonoaudiológico.

Esse encontro com a Lingüística abre caminho para o trabalho fonoaudiológico além dela. A interpretação do erro patológico, peculiar à esta clínica, sem perder de vista os pressupostos teóricos da Lingüística como ponto de partida, deve nortear a prática fonoaudiológica.

Esta dissertação pontua que a interpretação na Fonoaudiologia é a técnica, o instrumento clínico capaz de gerar deslocamentos na fala de seus pacientes, em busca da superação da patologia da/na linguagem.

Abstract

The paper named **“The Interpretation in Speech Pathology Therapy: First Questions”** has been developed aiming at investigating the particular interpretation of this area of knowledge. For such purpose, we have benefited from the contributions of General Linguistics and its co-related matters, such as Discourse Analysis and Interactive Project in language acquisition, once the common focus is the language.

In order to understand common and specific points, a dialogue with the Discourse Analysis has been allowed for it understands the ideology as a basic assumption for the creation of discourse, and because it gives priority to focusing on the subject which is the basis of ideological investments which evolve from their culture. Furthermore, the interpretation imposed by the Discourse Analysis as a theoretical subject which demands the creation of devices that link it to a theory, has supplied Speech Patology Therapy with the possibility of also suggesting devices that guide its interpretation theoretically.

The dialogue with the Interactive Project in language acquisition has suggested the discussion about the error in this matter and also the shifting in order to understand it in its specification in the speech patology field.

This partnership with Linguistics opens the way for a speech patology therapy work beyond it. The interpretation of the pathological error, particularly regarding this clinic, without losing sight of the theoretical assumptions of Linguistics as a starting point, must guide the speech patology practice.

This paper points out that the interpretation in Clinical Speech Patology Therapy is the technique, the clinical instrument that is able to generate shiftings in the speech of its patients, searching for the overcome of the pathology in/of the language.

Índice

Página

Introdução _____03

Cap. I – A Interpretação na Análise de Discurso _____ 10

Cap. II – A Interpretação em Aquisição de Linguagem _____25

Cap. III – A Interpretação na Clínica Fonoaudiológica_____39

3.1 – A Escuta da Linguagem_____48

3.1.1 – Considerações iniciais ao processo terapêutico _____48

3.1.2 – Em cena: o encontro com J. _____50

3.1.3 – Interpretação: a construção de um olhar_____69

Considerações Finais _____74

Referências Bibliográficas _____78

Obras Consultadas _____84

Anexos _____88

Introdução

A Interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos.

O homem não pode, assim, evitar a interpretação ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando, e como está interpretando, é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico. A vida é função da significação e de gestos de interpretação cotidianos, ainda que não sentidos como tal.

A noção de Interpretação está sujeita à banalização do termo, pelo senso comum, quando, na realidade, são muitas e diferentes suas definições. Na maior parte das vezes os teóricos a utilizam como se ela fosse evidente. A sua importância, no entanto, a coloca como objeto de atenção e estudo, pois, embora ela seja mais relevante para as ciências da linguagem, ela está presente no exercício de todas as ciências humanas, bem como de qualquer ciência, em geral.

Na Fonoaudiologia, o clínico também lida com a interpretação. No contato estabelecido com o outro, que demarca o "*setting*" terapêutico como o

lugar do fazer, o fonoaudiólogo, com o auxílio de um método, usa a interpretação como técnica para atuar na busca de melhores condições discursivas de seus pacientes.

No entanto, esta interpretação do fonoaudiólogo deve diferenciar-se da linguageira, ou seja, daquela do falante comum, que nos permite dar sentidos e assim comunicarmos com os outros falantes de nossa língua, expressarmos idéias e opiniões. O profissional, instrumentado por uma determinada interpretação, vai fazer seu uso para atingir os objetivos terapêuticos.

Porém, é preciso esclarecer que a Fonoaudiologia é uma disciplina que nasceu no fim do século passado, ou seja, sua teoria, que deveria nortear a construção do método clínico e, logo, atender à prática clínica, ainda está em plena construção. Por esse motivo, o diálogo com outras áreas de conhecimento, como a Medicina, a Lingüística, a Psicologia e a Educação, foi e continua sendo necessário para reflexões sobre o método clínico e a teoria em questão.

Assim, buscar conceitos nessas disciplinas para, na prática clínica, transformá-los sob a ótica fonoaudiológica, têm sido um exercício comum entre os profissionais.

Dentro desse percurso para a construção de uma teoria e, portanto, de um método ancorado nela, a Lingüística nos tem oferecido uma concepção de

linguagem que leva em conta o seu funcionamento. Nessa visão, ganha força o sujeito, ou, melhor dizendo, ganha especificidade o traço de subjetividade que cada um de nós carregamos, inserindo na linguagem uma ordem do simbólico. Ela, linguagem, não é mais tida como algo que é apreendido, mas sim que carrega em si uma opacidade, uma não transparência dos sentidos.

A clínica fonoaudiológica, que vem servir aos fatos desviantes da linguagem, tomada por essa definição do termo, passa a valorizar a interpretação clínica, pois será a partir dela que o fonoaudiólogo poderá intervir no funcionamento da linguagem tida como patológica, diferente, com vistas a inseri-la num contexto favorável e gerar deslocamentos nas posições lingüístico-discursivas de seus pacientes. Cabe ao fonoaudiólogo, pela interpretação, direcionar o sentido, colocá-lo numa cadeia significante para que seu efeito seja reorganizador na fala de seu paciente.

Esse conceito de linguagem, como ação transformadora que carrega em si o traço de subjetividade, passa a ser assumido por este estudo e, em função dele, queremos olhar para o método fonoaudiológico, pondo no foco a ***interpretação.*** Para tanto, alçaremos outra área de conhecimento, a Lingüística, nas suas disciplinas da Análise de Discurso e do Projeto Interacionista em aquisição de linguagem, que nos possam sustentar na reflexão, disciplinas essas que, ao olharem para a linguagem, trabalham a

subjetividade, logo, abrem espaço para a teorização do funcionamento simbólico e dos sentidos.

A Análise de Discurso (AD), que tem como foco de atenção os discursos produzidos pelos sujeitos, vem aqui contribuir na construção de dispositivos, inerentes à análise, na própria clínica fonoaudiológica. Por ser um instrumental, que pode servir a outras disciplinas, a AD nos poderá oferecer espaço para discutirmos a ideologia imposta a todos os sujeitos e discursos, com vistas a repensar o papel da família, da escola, das instituições envolvidas em determinado caso, a fim de remetermos os dizeres a suas devidas posições ideológicas. Os sentidos podem ser e são muitos. A AD vem justamente esclarecer que, em cada discurso, se tem uma conjuntura sócio-histórica que determina um sentido.

O Projeto Interacionista em aquisição de linguagem nos dá a possibilidade de se pensar a linguagem como construída. É a partir da interação com o outro, enquanto instância do funcionamento lingüístico-discursivo com a criança que se dá a aquisição. Essa fala vai se transformando, se deslocando até significar-se. Assim, a interação com o outro se torna, nessa proposta, uma condição necessária. Por ela, deve-se tomar o

diálogo adulto-criança como análise nas fases iniciais de aquisição e postular processos de reorganização/ressignificação no interior do próprio enunciado da criança. Dentro dessa disciplina, poderemos pensar a patologia como algo também construído, mas que, marcado por uma interpretação teoricamente determinada, poderá, na clínica fonoaudiológica, servir como exemplo de funcionamento.

Assim, se o compromisso da clínica da linguagem é com a fala do paciente, faz-se necessário que a Fonoaudiologia estabeleça relações de interpelação com disciplinas que se preocupem com a linguagem em seu funcionamento, ou, melhor dizendo, com disciplinas que, ao estudar o funcionamento da linguagem, não a separem do sujeito, levem em conta questões que dizem do funcionamento simbólico e do sentido.

A visada para o patológico distancia e diferencia a Fonoaudiologia das disciplinas citadas. Por isso, apesar de acreditarmos que nossa disciplina possa se fazer/construir nessas articulações, este trabalho tem como objetivo repensar posições e construir um dizer. A “infração” imposta nesta relação, no sentido de invadir uma disciplina e repensá-la a partir da teoria

fonoaudiológica do método, se faz necessária para a construção de um campo de conhecimento.

Por meio de revisão bibliográfica visitaremos estas áreas de conhecimento - a Análise de Discurso (AD) e o Projeto Interacionista em aquisição de linguagem - a fim de mostrar seu olhar para a interpretação, como esse conceito é definido e usado por cada uma delas, ou seja, qual a especificidade da interpretação, a partir de sua definição e de determinada posição, uma vez que cada disciplina trata seu objeto de estudo sob uma perspectiva. A partir da literatura selecionada, a Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX e ORLANDI) e a Projeto Interacionista em aquisição de linguagem (LEMOS, LIER-DE-VITTO, PEREIRA de CASTRO), será privilegiada a instância clínico-fonoaudiológica, com a apresentação de um caso, cujo foco se dará na situação de entrevista e nas sessões terapêuticas e no que flui entre os espaços de tempo, a compor a historicidade da relação terapeuta-paciente.

Capítulo I

A Interpretação na Análise de Discurso

"Sob a pele das palavras
há cifras e códigos"
Drummond

Ao procurarmos a Análise de Discurso (AD) para uma reflexão, colocamo-nos frente a uma disciplina de conhecimento que parte da concepção de discurso para desenvolver sua teoria. Veremos que nessa área específica, a interpretação parte da teoria e vai servir à análise como um procedimento metodológico, uma vez que será por meio dela que a AD irá construir seus dispositivos para efetuar a análise. A interpretação é o procedimento usado pela AD para atingir seus objetivos.

Assim, cabe iniciarmos a reflexão pelo próprio conceito de discurso. Discurso aqui é colocado como "efeito de sentidos entre locutores" (Pêcheux, 1969, pág. 56). Para a AD, discurso não é instrumento de comunicação ou mera transmissão de informação, idéias defendidas pela teoria da comunicação. Muito além, a AD acredita que ele está deslocado para a produção de sentidos e que, se há na verdade uma informação a ser passada, ela é apenas uma das características dos efeitos discursivos. Assim, Pêcheux (1988) define discurso como estrutura e acontecimento: estrutura porque

carrega em si um sentido posto ali e acontecimento porque só teve este sentido dentro de determinado contexto histórico-ideológico.

A AD é articulada no “entremeio” de outras disciplinas. Entremeio porque ela não apenas acumula conhecimentos, mas também discute seus pressupostos continuamente (ORLANDI, 1998, pág. 24). Assim, a AD se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre 3 disciplinas: a Lingüística (constituída pela afirmação da opacidade da linguagem, com seu objeto próprio, a língua, que por sua vez, tem sua ordem própria), o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações) e a Psicanálise (com a interpelação da noção de indivíduo para sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico). Na verdade, a AD é herdeira dessas 3 regiões de conhecimento e trabalha a noção de discurso, que não se reduz ao objeto da Lingüística, nem se deixa absorver pela teoria marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. A AD interroga a Lingüística pela historicidade que ela deixa de lado; o Materialismo, por não perguntar pelo simbólico e a Psicanálise, por não compreender a ideologia absorvida pelo inconsciente. Esse questionamento se explica porque para a AD não há sentido se a língua não se insere na história. Existe uma política, ditada pela história, inscrita no dizer. Não há como produzir sentido sem se localizar numa “partição” e excluir outros caminhos, outros sentidos. Ao se

imprimir uma partição, dá-se uma localização, uma direção para o sentido, fazendo do político parte da própria linguagem.

A AD produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade. Não é mera aplicação da Lingüística sobre as Ciências Sociais ou vice-versa. A AD se forma no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que se apreenda seu funcionamento, enquanto processo significativo.

Orlandi (1996, pág. 3) define a AD como *teoria da interpretação* (explicita o dispositivo ideológico assumido), no sentido forte. Para a autora, a AD ocupa o lugar em que se reconhece essa opacidade da linguagem e a impossibilidade de se chegar a um sentido e sim vários, dependendo do seu dispositivo ideológico. Levando-se em conta que, para a AD, a língua só faz sentido inserida na história, ou seja, a ideologia norteia o sentido (por isso diz-se que a AD é uma semântica, que cada posição ideológica delineia um sentido) cria-se, assim, a possibilidade de diferentes interpretações. A Interpretação é vista como objeto de reflexão, de próprio estudo para a AD, uma vez que é posta em questão.

A materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, segundo Orlandi (1999, pág 38). Assim, o

discurso é o lugar em que podemos ver essa relação da língua com a ideologia. Para a autora “a AD procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, constitutivo do homem e da sua história” (1999, pág.15).

A partir da definição de discurso, podemos compreender a noção de linguagem como ação transformadora, prática que relaciona o homem com outro homem e com a sociedade na história. Sendo assim, faz parte do simbólico e, portanto, não é transparente, mas opaca e incompleta. A incompletude, condição da linguagem, característica de todo processo de significação, revela que o dizer é aberto, que não há um “ponto final” e que os sujeitos e os sentidos nunca estão prontos, constituídos por apenas uma forma.

Antes de nos remetermos à noção de Interpretação privilegiada pela disciplina em questão, consideramos importante para este estudo tecer algumas observações sobre as bases teóricas da AD, ou seja, expor ao leitor os conceitos básicos da área e explicar o procedimento de análise para se compreender o papel da interpretação.

Como já dissemos anteriormente, o objetivo da análise será o de apontar um sentido em determinado discurso. Como Pêcheux (1969) afirma que não

há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia, a AD coloca que sempre existirão muitos sentidos num determinado dizer e que significá-los depende da nossa memória e da ideologia da qual fazemos parte. O papel do analista de discurso é o de conceber a discursividade de um texto, perceber quais as redes de filiações ideológicas postas ali e identificar as formações discursivas presentes. Em outras palavras, o analista deverá remeter o dizer a uma conjuntura sócio-histórica dada, para compreender o sentido que ali está dito e não outro. Para que esse objetivo seja atingido, a AD cria dispositivos de análise. Podemos, então, considerar que um discurso sempre remete a outro discurso e aqueles também existentes em nossa memória.

> "Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a Análise de Discurso.
>
> E é neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o *outro* nas sociedades e na história [...] que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias e as relações sociais em redes de significantes." (Pêcheux, 1997, pág 53-54)

No espaço de conhecimento, delimitado pela AD, prioriza-se a relação da língua com sua exterioridade. O sujeito da AD, apesar de também estar afetado pelo inconsciente, marca seu traço diferencial na ***ideologia*** que o norteia. O sujeito singular da AD assume uma determinada posição ditada pelo seu lugar ideológico e é dessa posição que se tem o seu discurso. Somente através do dispositivo teórico criado na AD (que desloca o analista para fora da sua posição ideológica, fora do seu lugar habitual) é que se pode atingir o sujeito da AD, pois nesse momento tem-se a visada para seu lugar ideológico, a partir do qual se dá a análise de seu discurso. Esse sujeito também está afetado pelo interdiscurso, ou seja, a memória que cada um tem das experiências vividas, o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. O interdiscurso é irrepresentável devido a esquecimentos, definidos por Pêcheux, que serão apresentados mais à frente. Não se localiza o interdiscurso, não se determina seu ponto inicial, onde ele já apareceu; sua realização se dá individualmente, porém sua criação é social. Assim compreendemos como uns sentidos afetam alguns sujeitos e outros não. Por meio da ideologia, o interdiscurso leva às formações discursivas, redes de filiações sócio-históricas de sentidos; na verdade, as formações são muitas e variam de acordo com os sujeitos.

Os discursos revelam, portanto, filiações ideológicas e remetem a outros discursos, carregando sempre um já-dito. No entanto, os sujeitos não têm essa consciência por estar sob o efeito de dois esquecimentos, definidos, em 1975, por Pêcheux. O esquecimento **número 1** diz respeito à ideologia: temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na verdade, estamos retomando outro discurso já existente. O esquecimento **número 2**, ou esquecimento enunciativo, produz em nós a impressão de realidade do pensamento. Por ele, acreditamos que exista uma relação direta entre pensamento, linguagem e mundo, de tal forma que o que dizemos só poderia ser dito da forma dita por nós. Assim, sujeitos e sentidos se significam de muitas e variadas formas. Os sujeitos, sob o efeito dos esquecimentos, interpretam espontaneamente e negam essa interpretação como se o sentido já estivesse lá. Como o sentido nunca está pronto, fechado, alçam-se dispositivos de interpretação. O analista deve sair do seu dispositivo ideológico para poder interpretar.

Outro princípio importante que também constitui uma das bases da AD é a relação entre Paráfrase e Polissemia existente em todo discurso. A Paráfrase, funcionando como fato e procedimento da análise, revela a relação entre o dito e o não-dito num determinado discurso, remetido à memória,

tornando possível a repetição, o dizível. A polissemia, por sua vez, é a condição do diferente, do equívoco, do deslocamento, da possibilidade dos sujeitos e dos sentidos poderem sempre ser outros. É por isso que podemos afirmar que o funcionamento da linguagem se dá pela tensão de processos parafrásicos e polissêmicos.

> "...a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico." (Orlandi, 1999, pág. 38)

A análise propriamente dita consiste em construir, a partir de dois dispositivos, um teórico e o outro analítico, a discursividade de um texto, ou seja, trazer à tona a formação ideológica à qual o texto escolhido pertence. Para a AD não importa o conteúdo mas sim como tal sentido e não outro significa nessa determinada materialidade. É nesse ponto que incide a interpretação. O Dispositivo Teórico (DT) desloca o analista da posição automatizada dele, que é o seu dispositivo ideológico, para outra posição. É

por meio dele que o analista, sempre afetado pelo jogo da interpretação e seu próprio dispositivo teórico, marca uma posição em relação a outras, torna possível um deslocamento do analista, trabalhando a opacidade da linguagem e sua não evidência (Orlandi, 1996). O analista passa a não acreditar que o sentido é só aquele, o do seu próprio dispositivo. O DT, construção teórica para determinada análise, coloca como a interpretação está funcionando no material posto, como se pensa um sentido e não outros. Se o sentido é relação, o papel do analista é compreender como o objeto simbólico faz sentido e como a interpretação faz parte do trabalho proposto.

Para tanto é preciso remeter as palavras às formações discursivas para entender como elas significam. Para fazer a análise, constroem-se famílias parafrásicas para poder identificar quais formações discursivas estão sendo postas num determinado texto. A paráfrase é o primeiro gesto de interpretação do analista para permitir um deslocamento.

Sabemos que a AD é um instrumental que põe à disposição de diferentes áreas a possibilidade de se analisar a discursividade de um texto. A AD vem sendo usada como um procedimento metodológico, não voltada apenas para uma área específica, mas sim voltada para o discurso. Surge, então, a necessidade de se construir o Dispositivo Analítico (DA), que vai

carregar em si a questão posta pelo pesquisador e os objetivos da análise. Surgem, a partir do DA, as diferenças disciplinares e a determinação que define à qual formação discursiva se pertence. Dessa forma, o dispositivo analítico ajuda a interpretar o resultado da análise à luz das teorias de que o pesquisador parte. A Análise de Discurso tem sido usada para analisar discursos políticos, mas esse não é seu único papel, uma vez que estamos frente a um procedimento metodológico, regido por uma teoria, mas aberto a outras disciplinas. Na verdade, o DA vai criar a possibilidade de se utilizar o mesmo instrumental para qualquer discurso, seja ele de qualquer ordem ou natureza. O importante neste momento é acrescentar que DT e DA criam uma situação dialógica ímpar em que apenas um sujeito é colocado em análise, uma vez que o DT distancia o analista de sua posição ideológica.

> "Todos esses elementos – a natureza dos materiais analisados, a questão colocada, as diferentes teorias dos distintos campos disciplinares – tudo isso constitui o dispositivo analítico construído pelo analista. Daí deriva, penso eu, a riqueza da Análise de Discurso ao permitir explorar de muitas maneiras essa relação trabalhada com o simbólico, sem apagar as diferenças, significando-as teoricamente, no jogo que se estabelece na distinção entre o dispositivo teórico da interpretação e os dispositivos analíticos que lhe correspondem" (Orlandi, 1999, pág 28).

Para a AD, interpretar é um gesto, pois é um ato no nível simbólico (Pêcheux, 1969). A compreensão, função da análise, difere da descrição, porque inclui a interpretação. E somente colocando-se frente a um determinado dispositivo ideológico, remetendo-se às formações discursivas implícitas num texto, é que podemos interpretar o sentido posto ali. Parte-se do pressuposto de que a linguagem, por ser opaca, pode ter efeitos de sentidos, suscetíveis a interpretação. O papel da interpretação para a Análise de Discurso é o de servir como um procedimento metodológico que "delimita" um sentido dentro de um enorme leque de opções, restringindo-o a um contexto, a uma posição ideológica. Essa é a oposição entre a interpretação teórica da AD e a interpretação linguageira.

A incompletude, característica que rege o processo de significação (o dar sentido), é administrado pela interpretação. O analista deverá, através da interpretação, estabelecer um sentido ideologicamente determinado, materializado pela história, explicitando, assim, suas relações com a exterioridade e com o interdiscurso (Orlandi, 1998).

Dentro da AD, entende-se que há injunção a interpretação, ou seja, existe uma pressão das circunstâncias, uma exigência à interpretação, uma vez que diante de qualquer objeto simbólico, somos levados a interpretar para dar

sentido. Esse é o dispositivo ideológico de todo falante que faz com que o sentido seja administrado pela interpretação. Trata se aqui (Orlandi 1996, pág 89) da redução do sentido a um conteúdo, efeito da interpretação. Esse fato demonstra que não há um sentido (conteúdo), mas funcionamento da linguagem. O sujeito, por meio de gestos de interpretação, demarca sua posição, fazendo significar e significando-se.

Localizamos assim a **interpretação,** na medida em que explicita o seu fundamento, dentro de uma disciplina teórica, a Análise de Discurso, usada como **procedimento metodológico**. Compreende-se que, nesta perspectiva, a questão "interpretação" liga-se à ideologia implícita em qualquer processo de significação, sendo fundante na realização de sentidos. Na análise, a interpretação vai construir um determinado referencial, um dispositivo teórico específico para se estabelecer um sentido, uma vez que o outro pode ter "sentidos" diferentes dos nossos. Assim, a interpretação para a AD é um procedimento metodológico voltado para analisar, a partir de seu espaço teórico. A Interpretação na AD coloca um conteúdo ideológico em questão para levantar outras questões ideológicas.

A ideologia trabalha, então, no sentido de barrar a interpretação primeira em que os dizeres interrelacionados produziriam sentidos. Será

através da interpretação, da atribuição de sentidos a um determinado dizer, que a historicidade se constituirá e que o sujeito se identificará como tal.

Apesar de a AD não ter interesse clínico em suas análises, seus pressupostos podem contribuir na estruturação de uma técnica de interpretação clínica, já que elucida o pensar sobre a linguagem e o sujeito. Na verdade, o DT, assumido pela clínica fonoaudiológica neste estudo, passa a ser o próprio Interacionismo, para que possamos ver como a interpretação está funcionando neste material (o caso-clínico) e não outra, por que se deu um sentido ao material e não outros. Além disso, queremos apontar qual ideologia está sendo assumida para interpretar desse modo e não de outro. O DA vem justamente marcar a especificidade da clínica fonoaudiológica, uma vez que pretende pesquisar o funcionamento da linguagem nesse sujeito.

A AD traz a idéia de que será o discurso que identificará o sujeito, que o colocará em uma determinada posição do dizer. E que o que há de empírico na fala de um sujeito é apenas parte do processo discursivo que, se desmontado, interpretado, dirá sobre aquele que discursa. E isso serve à Fonoaudiologia para entender o paciente. Dentro da teoria, as noções de discurso e incompletude são postas em questão para que se possa falar em ideologia como uma categoria de linguagem e então entender qual a relação entre os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos.

A partir da leitura que propusemos da AD, pode-se entender que, implícita na enunciação, está posta a polissemia, a multiplicidade de sentidos os quais, por meio da interpretação, marcada pela historicidade e pela ideologia, podem ser reeditados.

Capítulo II

A Interpretação em Aquisição de Linguagem

"Forjar: domar o ferro à fogo
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga."

João Cabral de Melo Neto

A Lingüística, enquanto ciência da linguagem, oferece formalizações a respeito do seu objeto teórico. Suas contribuições, a partir de Saussure, retomam as questões sobre a linguagem, permitindo refletir sobre as convenções da língua e as manifestações da fala:

> "...a língua constitui um sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual esse indivíduo pertence: *a língua é um conceito social*(Sausurre, 1972. 37). [...] Por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar. A sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas." (Lopes, 1986, pág 77).

E ainda, na linha saussureana, Lopes acrescenta (op.cit.):

> "Desse dicionário [...] que é a *langue*, cada indivíduo escolhe aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação. Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure *parole* (em português "fala" ou "discurso")

Na clínica fonoaudiológica, as questões atinentes à *langue/parole* também estão presentes, aproximando as duas disciplinas, o que implica o conhecimento lingüístico pelos profissionais da Fonoaudiologia.

Para que esse encontro seja construtivo, além do domínio da Lingüística geral, é necessário que a Fonoaudiologia recorra a uma teoria lingüística em especial. A Teoria Interacionista em aquisição de linguagem, filiada à Lingüística saussureana, tem como foco de atenção a fala da criança (Lemos, 1995).

Essa aproximação implica pensar a linguagem enquanto funcionamento, pondo em cena uma abordagem lingüística "a partir de sua posição enquanto ciência que define as leis de funcionamento da linguagem" (Andrade, 1996, pág. 04). Nessa proposta, os "erros" ganham estatuto teórico, já que não estão

além nem aquém do funcionamento da Linguagem (Lier-de-Vitto, 1995). A posição interacionista em aquisição de linguagem faz pensar a linguagem enquanto funcionamento, em que os “erros” são tidos como efeitos também do funcionamento lingüístico-discursivo. Teorizar sobre o erro no Interacionismo abre espaço para pensar os erros e suas peculiaridades no campo da Fonoaudiologia, sendo material privilegiado de análise, como veremos no desenvolvimento deste trabalho. No entanto é preciso distinguir a natureza dos erros em cada campo, pois a noção de erro, apesar de se valer do mesmo termo nas duas disciplinas, tem recortes distintos, o que resulta em procedimentos específicos frente a eles.

Ao analisarmos o erro detectado pelo Interacionismo (erro comum, normal) – e neste momento o trabalho se volta à Lingüística – o fonoaudiólogo prepara o caminho para configurar o erro patológico, na continuidade desse estudo, objeto central do próximo capítulo. Até o presente momento o centro de investigação sobre a noção de acerto/erro dá-se pelo viés do Projeto Interacionista:

> “Assim, se é por uma relação material, estrutural, entre a fala do adulto e a fala da criança, que esta última é introduzida na ordem do simbólico, tal relação dá lugar a transformações que não se explicam por erros ou

acertos em um processo de aprendizagem, mas por processos ou leis de composição interna da ordem da própria linguagem” (Pereira de Castro, 1995, pág 31).

Lemos (1997), ao escrever sobre processos metafóricos e metonímicos, faz um recorte importante sobre o “erro” e seu reconhecimento. Ao redefini-los como dois aspectos da linguagem ou ainda como o duplo caráter da linguagem, teoriza sobre as mudanças na relação da criança com a língua materna no percurso de sua constituição como falante, explicando-os como modos de emergência do sujeito na cadeia significante, como mecanismos de mudança. Se a experiência com a linguagem não supõe uma atividade consciente, o efeito reorganizador de ouvir e produzir enunciados deve ser interpretado como efeito da linguagem sobre a própria linguagem. Na aquisição inicial de linguagem, o enunciado da criança é ouvido e ressignificado pelo enunciado do adulto, já que seus significantes são formas isoladas e o adulto tem o padrão que lhe dá a referência para avaliar a produção de outrem. Assim, Lemos redefine os termos Metafórico e Metonímico para nomear os processos discursivos como mecanismos de mudança/troca e assinalar um valor significativo ao funcionamento da

linguagem. Essa redenominação tem maior alcance teórico: metáfora e metonímia dão às relações paradigmáticas e sintagmáticas um papel de leis de composição interna da linguagem, na medida em que trazem à cena o efeito dessas relações, que da composição de dois termos se produz um terceiro.

> "É somente à proporção que os processos metafóricos e metonímicos se cristalizam em redes de relações que a criança passa a ouvir/ressignificar seus próprios enunciados e, mais além da posição de interpretado, pode assumir a de intérprete de si mesmo e do outro." (1997, pág.14).

É por meio do funcionamento da linguagem em uma língua particular, ao qual tanto crianças como adultos estão expostos, que estes mantêm uma relação transformada com o mundo.

Dentro dessa perspectiva, Lemos reafirma e reconsidera sua proposta sobre o diálogo como unidade de análise do processo de aquisição de linguagem. Reconsidera, por exemplo, a individualidade desse processo, já que dele é parte integrante o outro enquanto instância de funcionamento lingüístico-discursivo. Assim definido, o outro não é mais tomado enquanto individualidade e passa a ser visto a partir da posição subjetiva que lhe permite *interpretar* a criança, a saber, colocar a criança num texto. A criança pode sair

da posição de interpretada pela fala do outro, atuante em sua própria fala, para uma posição em que é a língua, enquanto outro, que a desloca e ressignifica. Lemos (1995) fala que a criança adquire linguagem não simplesmente na interação com o outro, mas na interação com a língua que é falada pelo outro:

> "Vale a pena insistir em que, na aquisição, o que está literalmente em jogo é a relação da criança com a linguagem. Se há mudanças, e há mudanças, elas são dessa ordem. [...] Na medida em que esses deslocamentos, e os erros que o indicam, tendem a desaparecer da superfície da fala, deixando em seu lugar pausas, hesitações e correções na fala, e rasuras na escrita, outras mudanças na relação com a linguagem deslocam a criança para outra posição" (pág.27).

O deslocamento, efeito da interpretação linguageira, só pode ser visualizado por meio do "erro", pois o sujeito que erra é capturado pela linguagem. Isso significa dizer que não é o sujeito que tem o poder de decisão ou mesmo escolha do que irá produzir, pois não controla os movimentos da língua. O sujeito é, sim, assujeitado por esse funcionamento lingüístico e os erros só são tomados como indícios de uma relação singular do sujeito com a língua.

Lemos (1996, 1999) acrescenta o fato de que, na fase inicial de acertos, a fala de criança não só consiste de fragmentos da fala do adulto, como depende do reconhecimento que a ***interpretação*** do adulto confere a esses fragmentos para continuar a se fazer presente no diálogo. Os erros, que surgem sob a forma de reformulações, correções e autocorreções, se dão sob a forma de substituição, também remetidos a processos metafóricos e metonímicos que implicam o reconhecimento da diferença entre a unidade a ser substituída e a que vem a substituir. A autora conclui (1999, pág.49):

> "Um primeiro passo nesse sentido é reconhecer na fala da criança esse vir-a-ser, isto é, que essa fala não coincide com a fala do adulto, nem **com a interpretação que o adulto – mãe e investigador – lhe atribui, levado por uma semelhança que descarta sua diferença"** (grifo meu).

O que colocamos em discussão neste capítulo inclui os efeitos dessa interpretação do outro sob a fala da criança, que a desloca. É por meio do erro que o adulto insere a criança na língua. Pode-se perceber que a interpretação, dentro dessa perspectiva, ganha um enfoque fundante para a aquisição, uma vez que seu papel será o de inserir o sentido, dar a determinação na estruturação da linguagem, dar forma ao som em sua materialidade (Lier-De Vitto,MF & Arantes,L 1998, pág 66).

Muitos lingüistas, durante seu percurso, teorizaram a interpretação e seus efeitos sobre a aquisição. Ater-nos-emos, agora, a suas posições frente a questão em curso neste capítulo.

Ao escrever sobre os efeitos da fala da criança e da heterogeneidade desses efeitos, Lier-De Vitto retoma seus estudos sobre os monólogos das crianças, agora sob a ótica da interpretação (1995). A autora revela que, por meio dos monólogos, podemos ver o movimento da linguagem na criança, uma vez que os sentidos, o dito e o não-dito, interpretados pelo adulto, são ressignificados dentro do funcionamento da linguagem, fazendo emergir um momento especial chamado por ela de "praticar para aprender". Ela afirma que nos monólogos o que pôde observar não foi "uma criança contemplativa diante da linguagem e em controle de suas posições, mas o movimento da linguagem nela" (pág 50).

> "Nos monólogos observa-se um movimento. Movimento que implica ao mesmo tempo língua e discurso, que não isola esses termos em dois pólos de uma teleologia. Quando uma criança produz um som, o outro toma essa produção como um "dizer" dirigido a ele e, ao interpretá-lo assim, o remete a uma zona discursiva e o insere numa rede de formas e de sentidos ao articulá-lo num texto. [...] ...a criança toma "pedaços" e "pedaços" que serão reinterpretados, rearticulados nos enunciados

do adulto: deslizamentos que caracterizam a dialética da linguagem sobre a linguagem". (Lier-de-Vitto, 1995, pág 51).

Antes do estudo dirigido aos monólogos, compreendia-se que o processo de aquisição de linguagem estava regido pela interação, definido por Lemos, em 1992, como "instanciações de estruturas de ação e atenção humanas a que a criança é introduzida pelo interlocutor adulto, através de interpretações que atribuem significado e intenções ao seu comportamento", em que interação e interpretação são tidas como determinação, como força fundante do sujeito e da linguagem, ou seja, são estruturantes. O outro, nessa posição, assume o papel de ressignificar/restringir o sentido posto pela criança numa cadeia significante da língua, pela interpretação. A partir dos monólogos é que se pode vislumbrar também a interpretação em ação, sem restringir seu estatuto determinante aos diálogos. Nesse momento a ausência da pressão da interpretação do adulto dá lugar ao movimento da linguagem sobre a linguagem, deslocando e estruturando o dizer da criança, produção e destruição dos sentidos, na sua interpretação. A criança fala e, quando erra, estranha e é convocada a interpretar, apesar de ser iniciante na linguagem (Lier-De Vitto, 1995). Amplia-se dessa forma, o universo da interpretação,

uma vez que os monólogos também demonstram movimento que, na ausência do outro, chamam por sentidos.

Na análise da interpretação descrita pela teoria sócio-interacionista de aquisição de linguagem, Pereira de Castro (1998) relata que está envolvida, no processo dialógico, uma tensão entre identificação/reconhecimento e estranhamento, também já comentada por Lemos (1982). Diálogo, nessa visão, é considerado como um constructo que qualifica as relações do sujeito com a língua na interação mãe-criança (Pereira de Castro, 1997). Assim, pela interpretação da mãe, a criança é significada como falante da língua materna. Pela interpretação, vê-se que os significantes incorporados voltam para a fala do adulto, sendo postos em novas relações e relidos. O movimento interpretativo da mãe faz-se em tensão entre uma identificação de uma língua, de um determinado universo discursivo, do que lhe soa como familiar, e um estranhamento provocado pelos deslocamentos causados pelos movimentos da língua na fala da criança (Pereira de Castro, 1995/1997).

> "Se é pela interpretação da mãe que a criança é posta no funcionamento da língua, por outro lado, sua única possibilidade constitutiva é enquadrar-se na fala do outro. A criança incorpora fragmentos da fala da mãe e do efeito estruturante dessa

identificação e *sujeição à imagem do outro*, depende o início de um processo de aquisição de linguagem.” (1998, pág 82)

Contudo, a interpretação está também vinculada, nesta tensão entre identificação e estranhamento, aos efeitos do simbólico que, por sua vez, não deixa fechar a identificação imaginária pela qual o adulto reconhece, nas incorporações da criança, o já-dito e a sua própria fala (Pêcheux, apud Pereira de Castro, 1998).

Pereira de Castro (1998), ressalta que, por esse viés, a interpretação é imprevisível, ou seja, como efeito da contingência instaura um ponto de subjetivação. Esse gesto interpretativo é possível justamente porque o adulto é uma instância de funcionamento da língua constituída (Lemos, 1992).

Essa concepção de Interpretação reconhece o adulto como mediador da criança com a linguagem e com o mundo. É por ela que se dá, que se promove a reconstrução de sentido e que se pode referir à heterogeneidade desses efeitos.

Para que a linguagem seja estruturante, ela tem que agir com a interpretação. Portanto, o efeito interpretativo da fala da mãe, que atribui um sentido àquele gesto, àquele fragmento discursivo da criança, é o gesto interpretativo que tem como efeito esse movimento de deslocamento. O

processo de aquisição de linguagem pode ser entendido como ***o processo de deslocamento que a interpretação do outro gera na criança.*** Não é possível eliminar da relação do falante com a sua língua materna “nem a fala do outro e seu efeito, nem o movimento da língua e seu efeito tanto de estabilização quanto de ruptura e estranhamento” (Lemos, 1997, pág 16).

Assim, conferimos à *interpretação* a força de movimentar, dentro da posição interacionista em Aquisição de Linguagem. Na verdade, o interacionismo trabalha com os efeitos da interpretação, que assume a característica de ser linguageira em relação a outras interpretações determinadas teoricamente. O que leva a mãe a fazer a interpretação linguageira é seu papel de falante da língua. A posição interacionista vai estudar a interpretação que a mãe faz e observar as mudanças ocorridas para se ver os efeitos.

A partir do Interacionismo, a possibilidade de se pensar a linguagem como construída permite que se pense na patologia também como algo semelhante e que, assim como a linguagem, traduz-se num processo. Pensada dessa forma, a patologia, antes de ser apenas manifestação de alteração orgânica ou funcional, pode ser tomada como uma referência que vem dizer,

também, sobre a constituição deste sujeito que se constitui na e pela linguagem. Assim sendo, abre-se para o fonoaudiólogo a possibilidade de, diante dos fenômenos patológicos, ler algo mais do que “erros comuns”, “falta”. Sua interpretação deve incidir sobre a relação da criança com a linguagem e com o outro, enquanto discurso.

Por estar diante de uma perspectiva que valoriza o discurso do outro no desenvolvimento lingüístico da criança, todo o fazer fonoaudiológico adquire uma outra concepção.

Capítulo III

A Interpretação na Clínica Fonoaudiológica

"Toda mudança é
uma ameaça à
estabilidade"
Aldous Huxley

O objetivo de percorrer a Lingüística, nas suas disciplinas de Análise de Discurso e do Projeto Interacionista em aquisição de linguagem, foi evidenciar como cada uma delas pode contribuir para um sentido particular da interpretação que interessa à Fonoaudiologia. Deparamo-nos com instâncias diferentes, objetos de estudos distintos. Enquanto a linguagem, tomada em sentido geral, é privilegiada pelas duas disciplinas em questão, a visada da Fonoaudiologia dá-se para o patológico, característica que marca a especificidade deste trabalho no tocante à clínica. Além disso, conhecer a *langue*, entender os mecanismos de produção de linguagem só é possível para a Fonoaudiologia visitada pela Lingüística.

Não é uma aproximação qualquer com essas disciplinas que garante um intercâmbio com sucesso. Há na Análise de Discurso e na posição interacionista em aquisição de linguagem algo de particular que atrai o olhar do fonoaudiólogo. Como já dissemos anteriormente, estamos falando da questão ideológica posta pela AD (de vários sentidos e do sujeito ideológico, ou seja, do discurso que carrega a ideologia do sujeito; a escuta clínica de um

paciente e de sua estória precisa estar atravessada pelo conceito de ideologia, dando ao fonoaudiólogo maiores condições de compreendê-lo); da posição interacionista em aquisição de linguagem que implica pensá-la enquanto funcionamento. Reitera-se o fato de que teorizar sobre o erro no Interacionismo abre espaço para pensar os erros e suas peculiaridades no campo da Fonoaudiologia.

Este estudo vale-se das idéias aplicadas por Arantes (2001) sobre um deslizamento que ocorre entre o erro na aquisição e o erro na Fonoaudiologia, chamado de erro patológico, o que já se enunciou em capítulo anterior.

Precisam-se, neste passo do trabalho, dos conceitos de *langue* e *parole*, segundo Saussure. A Lingüística entende o primeiro termo como um sistema convencional que rege um padrão, um modelo, sendo o código disponível a cada falante que, ao utilizá-lo, adapta-o a seu uso individual, o que constitui a fala. Esse uso individual está sempre pressuposto pela *langue* que contém as possibilidades do uso. Ao falante cabe construir sua forma de expressão, de acordo com o código, compatibilizando-se com o que é convencionado pelo sistema lingüístico, para se comunicar efetivamente.

Como este trabalho reflete sobre a aquisição da linguagem, ele parte da questão da norma e do erro para a Lingüística e abre a discussão para entender o erro diagnosticado fonoaudiologicamente com um recorte diferente daquele

que é definido pela ciência da Linguagem, uma vez que os aparatos descritivos da Lingüística não atendem à exigência clínica de tocar a fala, porque a oposição normal x patológico não faz parte de seu programa teórico.

Quando a criança em aquisição de linguagem faz um uso como “eu sabo” (1ª.pessoa do singular do presente do indicativo do verbo saber) ou “eu trazi”, “eu fazi”(1ª.pessoa do pretérito perfeito do indicativo dos verbos trazer e fazer), ela **acerta** ao confrontar essas formas com a regularidade dos verbos em português, uma vez que ela tem, neste momento, uma gramática internalizada. O que lhe falta é entender/aprender que a convenção estabelecida para verbos como receber/entender/vender, verbos regulares, não se mantém em todos os verbos da 2ª.conjugação do português; falta-lhe, portanto, entender que outra convenção rege outro grupo de formas, o que ela, quando começa a desenvolver o aprendizado da língua, não pode intuir. Esse erro que revela falta de domínio da língua é trabalhado pelo meio social – família, escola – não havendo nada que indique uma dificuldade interna do falante. Podemos afirmar que o erro aqui não estigmatiza o falante em aquisição. A reiteração do uso chamado correto vai-lhe permitir desenvolver a memória lingüística que irá definindo e cristalizando as formas convencionalmente aceitáveis pela língua. Assim se dá a aquisição em que a interpretação linguageira dos falantes do meio em que vive a criança é capaz

de gerar efeitos e conduzir a deslocamentos nas posições lingüístico-discursivas do aprendiz.

A Lingüística tem condições de descrever esses diferentes registros, mas não cabe a ela o aprendizado de crianças, papel que é exercido por quem, socialmente, pode fazê-la dominar ou caminhar no domínio do padrão lingüístico desejado: a família, a escola, o meio social participam desse processo, se a criança tem acesso a esse contexto. Nesse caso, o erro se dá pela inadequação/desconhecimento do padrão, o não-domínio do código. Na situação descrita, a criança em aquisição tem um paradigma, apenas não dá conta de trabalhar a complexidade das questões. **Tempo, esforço dos adultos** (não obrigatoriamente especialistas) com bom uso da língua e desenvolvimento da **memória lingüística** garantem a superação dos erros, bem como o desempenho satisfatório para a criança, sem intervenção terapêutica.

Mas quando essa intervenção é exigida? Quando o erro da criança não é apenas a falta de domínio das convenções, das coerções lingüísticas, mas das condições internas do falante que, por razões sempre individuais, particulares, apresentam problemas de uso da língua, sem que convenções previsíveis possam explicá-las, na linha da Lingüística. Estamos falando do erro patológico, que carrega em si o estigma do diferente e incorreto.

Nesse caso, reitera-se que o problema diagnosticado não é aceito por alguma convenção estabelecida pela língua, o que tempo e o meio externo dariam conta de corrigir. Essa criança precisa de uma intervenção terapêutica em que outra interpretação, que não a linguageira, gere efeitos, para que a criança passe a ser um aprendiz como as outras crianças, para quem o erro é um desvio da norma, previsível e superável com o tempo/meio estimulante.

Muitas vezes a própria família, sem conseguir entender com clareza a diferença entre o erro relativo ao desvio da norma e o erro patológico, entende que a intervenção da família e escola não estão dando conta de resolver o problema da criança e procuram uma especialista em Fonoaudiologia. É essa a especialidade da clínica fonoaudiológica que vem servir aos fatos desviantes de linguagem. Cabe aqui entender que um problema interno emperra, impede o aprendizado da norma. A Fonoaudiologia se permitirá confrontar a estória narrada, geralmente pelos pais, com a performance linguístico-discursiva da criança para definir seu diagnóstico e poder intervir. A interpretação do fonoaudiólogo, fundada em suas particularidades, lhe porá diante de um ser que precisa de um outro, clínico, para entender a especificidade de seu erro e lhe dar condições de melhorar a sua fala.

Socialmente, os desvios da norma, se não houver escola nem família para corrigi-los, definirão um registro popular distante do padrão formal,

porém aceito com marca de um extrato social, sem escolaridade e sem maiores exigências. O erro patológico em Fonoaudiologia não é de um grupo, mas de um ser, marginalizado em seu uso: vive entre outros seres que discriminam sua fala, isto é, põem-no à margem. Só uma interpretação do especialista fonoaudiólogo e de sua clínica poderão inseri-lo no padrão de normalidade esperado. A partir daí, o tempo e o meio criarão sua memória lingüística, como outras crianças, se sua patologia for superada

.

Esse *efeito*, produzido por uma fala com erros, falhas e buracos, é o que chamaremos de *efeito patológico*, marcado pela diferença assumida entre a fala na aquisição de linguagem e a fala que se apresenta à/na clínica. Como essa fala, com fatos desviantes da linguagem (Arantes, 2001, pág 02) "em sua dimensão patológica, produz naquele que a escuta um efeito de frustração e perplexidade", ela demanda uma intervenção; é exatamente a clínica fonoaudiológica o lugar de se lidar com esse efeito, uma vez que essa patologia merece tratamento singular. Os erros não são mais apenas tomados como indícios do funcionamento da linguagem, numa relação do falante com a língua; são determinados por fatores internos ao sujeito e vão tornar-se seu traço diferencial no âmbito fonoaudiológico. O sujeito da clínica fonoaudiológica carrega em si essa marca do patológico na linguagem.

Segundo De Vitto & Arantes (1998), há na interpretação da Fonoaudiologia algo que a difere da aquisição no projeto interacionista:

> "... a identificação plena do fonoaudiólogo, com a posição do outro, suposto na aquisição de linguagem, faria perder a singularidade de uma clínica que se quer particular. De fato, ela se pretende "estruturante" no sentido de "terapêutica", o que deveria imprimir uma diferença em relação à interpretação conforme concebida na aquisição de linguagem, já que se trata de uma interpretação convocada pela presença de um sintoma, de algo que se reconhece como um modo patológico da criança estar na linguagem" (pág. 69).

O estado patológico confere à Fonoaudiologia um lugar de estudo específico, "cercado" diríamos, por essas disciplinas, mas único dentro da clínica.

Segundo Kokanj (1998), há na Fonoaudiologia duas formas de interpretação: uma que se dá na cena clínica, no momento da intervenção fonoaudiológica e outra na leitura dos dados colhidos da intervenção, *a posteriori*. Do nosso ponto de vista, poderíamos dizer que há mais uma interpretação que, unida às duas anteriores, comporia o quadro teórico. Estamos referindo-nos àquela realizada com os dados colhidos em entrevistas

com a família, com a escola ou com qualquer outro membro ou instituição que faça parte da vida do paciente. Esses dados, à luz de determinado ponto de vista, indicariam questões a serem trabalhadas e estudadas para o melhor aproveitamento e próprio andamento do processo terapêutico. Assim, não podemos deixar de frisar que tal movimento interpretativo do fonoaudiólogo amplia a discussão de Kokanj.

Neste capítulo procuraremos mostrar, através de recortes de sessões terapêuticas realizadas com J. (4 anos), como estamos observando e decifrando, gradativamente, esse fazer também pautado pela interpretação. O material clínico coletado e alvo de análise é fruto de gravações de sessões de 45 minutos, em intervalos regulares, transcritas sob a forma de ortografia regular. A paciente e seus responsáveis foram devidamente informados, oralmente e por escrito, dos procedimentos a serem realizados e sua finalidade, tendo concordado em participar do estudo, segundo critérios estipulados no termo de responsabilidade, em anexo.

3.1. A Escuta da Linguagem

3.1.1. Considerações iniciais ao processo terapêutico

Existem alguns dados preliminares que podemos chamar de pré-História para qualquer início de trabalho fonoaudiológico, como este que será apresentado a seguir. Essa fase marca-se pela procura do adulto para o atendimento à criança e pela apresentação do caso como subsídio à construção do diagnóstico clínico, fundamental para nortear o processo terapêutico em si e, em particular, a interpretação.

É uma peculiaridade da nossa prática que a criança venha ao terapeuta por decisão e pelas mãos de um adulto significativo em sua vida, com o qual mantém uma relação de dependência necessária. Os pais queixam-se, afligem-se, recriminam-se ou incriminam a criança por aquilo que habitualmente assume para eles a feição de um fracasso. Por mais deslocado, camuflado que seja, o sentimento de fracasso se faz presente.

Quem traz, porque traz, o que é esperado como ajuda, o que significa, para cada um dos pais ou responsáveis, aquela criança e aquela queixa são questões inevitáveis. Tudo que está nos bastidores de qualquer clínica, no caso de crianças, envolve um elemento excluído-incluído que são os pais. Os pais são também personagens em cena. São narradores de uma história que não pode ser separada das suas próprias. Informações fundamentais são omitidas,

outras tantas, privilegiadas. O terapeuta ouve, pede um ou outro esclarecimento, pergunta, mesmo ciente de que a criança que vai encontrar é sempre outra. Um sintoma não é coisa-em-si, é um significado aberto à leitura e sob ele aparecem modos diferentes e singulares de relação dessa criança com a linguagem, em diferentes situações.

O dado colhido pelo terapeuta, nessa primeira fase, não fecha a caracterização do sintoma que deve ser buscado e construído em parceria – paciente/terapeuta. Não há lugar na clínica para a passividade do fonoaudiólogo nem pra o uso de um padrão pré-estabelecido. A investigação exige a instauração das condições favoráveis para o acesso à fala do paciente.

Por todas essas razões, a sessão terapêutica em Fonoaudiologia tem regras próprias e acontece de um modelo diferente em relação a uma entrevista médica ou uma conversação habitual.

3.1.2 - Em cena: o encontro com J.

É preciso esclarecer ao leitor por que uma criança de quatro anos, em pleno processo de aquisição de linguagem, encontra-se em terapia fonoaudiológica. Ao iniciar-se como falante, J. mostrou uma fala que, para aqueles falantes inseridos em um universo lingüístico-discursivo, os pais, soava como diferente. Logo, podemos observar aqui a percepção do erro patológico, com um estigma negativo vinculado a sua ocorrência. Dessa forma, dentro da clínica, pôde-se perceber que se esperava de J. uma fala diferente. Assim sendo, iniciou-se uma intervenção que visava ao trabalho com a linguagem, no sentido de provocar deslocamentos nas posições lingüístico-discursivas na fala de J., tornando-a afetada pela língua e acessível à interpretação alheia.

Vamos, então, remeter-nos à história trazida pelos pais de J. Pai e mãe compareceram ao consultório sem a filha, com a queixa “Ela não está falando direito”. A mãe é professora universitária e o pai empresário, ambos em processo de pós-graduação, sendo que o pai deverá se ausentar do país nos próximos dois meses por motivos de trabalho e estudo. O pai pouco se expressou, deixando as explicações para a mãe. J. encontra-se em uma pré-

escola por período integral desde os três anos, onde se encontra bem adaptada. No fim do dia, por volta das 18 horas, a mãe reencontra a filha e juntas seguem para casa. Segundo a entrevista, a família se relaciona bem, tem o hábito de conversar com J. e, nos fins de semana, sempre estão na companhia de amigos e parentes. J. prefere brincar sozinha, apesar de se relacionar bem com os amigos da escola.

Entramos em contato com a escola. Fomos informados de que J. é participativa, amável e comunicativa. Segundo a professora, J. troca algumas letras, mas essas trocas não prejudicam a inteligibilidade de sua fala. Quando informada sobre a avaliação fonoaudiológica à qual J. seria submetida, a professora mostrou-se surpresa, pois, até então, não havia sido comunicada pelos pais ou mesmo questionada sobre sua posição com relação à fala de J.

Estamos perante a **1ª.Interpretação**, a qual chamaremos de I(1), ou seja, aquela que incide sobre os dados colhidos em entrevistas. Podemos observar que esses dados revelam posições discursivas diferentes (por partirem de indivíduos diferentes e que se relacionam cada qual de uma forma com J.) e também posições ideológicas diferentes, uma vez que escola e família ocupam papéis diferentes no âmbito da educação e na relação com J. Essa idéia de que lugares ideológicos diferentes revelam discursos diferentes é

partilhada pela teoria da AD que, como pudemos ver, remete os sujeitos e seus discursos a esses lugares. Assim, a posição assumida por escola e família já seria diferente pelo simples fato de ocuparem posições ideológicas diferentes. Além disso, o conteúdo trazido por elas também é distinto, revelando uma percepção não similar da fala da paciente. Esses dados podem oferecer, no momento, ao fonoaudiólogo, subsídios para, frente a paciente, não ter uma idéia pré-determinada de distúrbio ou alteração que, por suas marcas, pode ou não estar gerando o efeito patológico. Cabe ao fonoaudiólogo, por meio de sua intervenção com a criança, definir esses efeitos, ou seja, saber interpretar o erro patológico como tal e criar situações para que ele seja trabalhado terapeuticamente. Só no *setting* clínico e embasado por um método, o fonoaudiólogo poderá sofrer esses efeitos e redimensioná-los.

Sobrinho (1996) comenta a questão da interpretação na Fonoaudiologia, levando em consideração principalmente a “escuta”. Para a autora, a escuta permite ao fonoaudiólogo ocupar outro lugar, diferente daquele técnico a ele atribuído. A escuta, longe de ser determinada por um saber pré-estabelecido acerca da patologia, deve estar a serviço de um não-saber que permita ao fonoaudiólogo posicionar-se na clínica de um modo mais livre, sem que contaminações de um saber teórico pré-determinado

atrapalhem a escuta do dado ali relatado. Aqui vemos a importância de se criar dispositivos de análise para que possamos interpretar a partir de determinado ponto teórico.

Arantes (1997) também cita a importância dessa “escuta”, uma vez que a criança, apesar de não falar, é falada no discurso dos outros. É nesse momento especial que reside a possibilidade de se compreender por que a criança ficou paralisada em um determinado papel.

Amoroso (2000), ao estudar os sintomas de linguagem dentro da Fonoaudiologia, aponta o efeito carregado de patológico na fala trazida pelos pais. Enfatiza que no dizer está determinada uma distinção entre o patológico e o normal e que o terapeuta deverá interpretá-lo à luz de seu conhecimento e não apenas como uma informação fidedigna.

Acreditamos, então, que I(1) tem como condição estruturante a escuta particular a qual, advinda dos conceitos da AD e repensada a partir do ponto de vista fonoaudiológico, deverá compor o nosso quadro teórico, diferenciando-se das demais interpretações dentro e fora da clínica fonoaudiológica.

Vejamos os recortes feitos das sessões realizadas. É importante explicar que apesar de estarmos refletindo sobre os dados colhidos em um determinado *setting* clínico, logo dados relatados *a posteriori*, vamos também poder perceber os gestos interpretativos do terapeuta durante a sessão. Isso significa que as outras duas formas de interpretação estarão presentes: **interpretação 2**, I(2), que será a interpretação no *setting* e **interpretação 3**, I(3) que será a interpretação dos dados colhidos fora dele.

Recorte 1:

T e J estão sentadas numa mesa, em frente a uma janela de vidro, uma do lado da outra, retirando figuras de uma caixa e desenhando-as.

1. T: Olha J, você tem isso na sua casa?

(mostra um sofá)

2. J: Tem...e tem também a toisa dali.

(aponta para a figura de uma mesa que já está sobre a mesa)

3. T: O quê, a mesa?
4. J: É, a meta tem na tasa da J.
5. T: Na minha tasa também tem.
6. J: Tem?
7. T: O que?
8. J: Votê disse...
9. T: Votê disse.
10. J: Tem, Taita, eu e você tem na tasa!!

(J. está brava. Volta para o desenho e começa a riscar o papel.).

11. T: J, vamos fazer a sala da sua casa? Olha, eu vou desenhar agora...
12. J: Taita, votê tabe que na tasa Jaqueline tem mais tadera?

13. T: Ah, na sua casa tem mais cadeira? Então já sei, a gente coloca elas também na sala...ah? que tal?

14. J: Ahhhhh... Eu tenho que tolocá votê na tasa Taita e J. na tasa J., tabe Taita, senão sua mãe chora e...(Criança pega o meu desenho)...ati, a gente põe a J. e também na tasa dela, né? Aí, eu e vote...

15. T: (T não olha para a J.) Eu e votê.

16. J: É, também eu e... (J. olha para T. e sorri)...num tero mais este.

(J. junta as figuras e começa a guardá-las na caixa).

Nesse recorte ocorrem os fenômenos de: (1) estranhamento, quando a terapeuta estranha a fala da criança e reconhece o erro patológico (linhas 7 e 13) e (2) espelhamento, quando a terapeuta devolve à paciente sua fala espelhada, ou seja, com os mesmos erros patológicos, “deixar aparecer o estranho no espelho” (Arantes, 2001, pág 134), linhas 5, 9 e 15. Dirige-se a atenção aqui para o fato de que a interpretação deve comportar silêncio e estranhamento. Para a criança escutar-se, deve escutar-se no estranhamento do outro, efeito capaz de ser gerado nessa situação. J. modifica o curso de suas ações a partir da fala da terapeuta, o que nos leva a dizer que ela é afetada por essa fala, em especial por essa interpretação.

Para a Fonoaudiologia, a interpretação é a técnica ou pesquisa (Guilhermino, 2000) que gera deslocamento dentro da linguagem, mesmo que, para conseguir esse efeito, o sujeito precise de “n” tentativas para só então atingir o padrão lingüístico-discursivo esperado. Essas tentativas vão servir para que o sujeito da clínica “jogue com a língua”, até ser instituído um novo padrão que responda às suas expectativas e norteie a intervenção do terapeuta. Pudemos perceber, neste recorte 1, que é o próprio paciente quem dirige o processo discursivo. O fonoaudiólogo apenas aproveita as oportunidades criadas pelo paciente. Esta pode ser uma das características da interpretação: seguir a direção do contexto, aproveitando-se do espontâneo para gerar deslocamentos na fala do paciente. Nota-se que tais trocas, uma vez espelhadas pelo terapeuta (linha 5), geram estranhamento para o paciente (linha 6). Esse gerar efeitos, mudanças na fala de seu paciente, independente da sua natureza, estranhamento ou cristalização (permanecer no sintoma), é o traço da interpretação fonoaudiológica, uma vez que acrescenta ao jogo do paciente com a língua a sua própria fala, porém vinda de outro lugar.

Amoroso (2000) retoma os dizeres de uma criança para também mostrar esses efeitos. Enfatiza que os **sintomas** passam a ser vistos como objetos de interpretação, revestidos de sentido, pois têm efeitos diversos entre os sujeitos.

Sabemos que o sintoma, dentro da clínica fonoaudiológica, gera um efeito além da sua manifestação e por isso nos interessa mais como ele está articulado na fala do paciente e que efeitos produz ou não produz na escuta do paciente e terapeuta.

Dessa forma, gerando tais efeitos por meio de sua interpretação, que devolve a fala ao paciente, o papel do fonoaudiólogo será o de "reinstalar o processo de desenvolvimento de linguagem" (Arantes, 1994, pág. 42).

O gesto interpretativo do fonoaudiólogo é diferente dos demais gestos por três razões (duas delas já foram comentadas por Arantes em 1994): primeiro porque se trata de um profissional instrumentalizado por uma teoria da linguagem que, por sua vez, determina um método, o que confere ao fonoaudiólogo um lugar específico de atuação, aspecto que os pais não possuem; segundo, pelo fato de o fonoaudiólogo estar fora da história da criança, ele pode criar novas interpretações; e terceiro, advindo de nossas reflexões sobre a AD, porque qualquer sujeito ocupa uma posição ideológica diferente e, portanto, estabelece vínculos também distintos com a criança. Por isso, quando a mãe retoma a fala da criança, esse efeito gerado não tem o mesmo sentido daquele gerado pelo fonoaudiólogo; por estarem em relações diferentes, ideologicamente falando, cada uma delas estabelece uma atividade

dialógica singular. É a questão de posição do outro.[1] A afirmação acima justifica o trabalho fonoaudiológico e revela um intercâmbio refletido e bem sucedido com a AD.

Analisemos a interpretação do fonoaudiólogo em outro recorte.

---

[1] Vejamos um exemplo particular. Sou filha de uma professora universitária que, durante meus estudos de 1º. e 2º. grau, dirigia cursos especiais na área da língua portuguesa, dos quais eu participava. Lembro-me de que, em uma certa ocasião, eu não havia realizado a atividade proposta para casa solicitada pelo curso, logo por minha mãe. Foi então que ela, ocupando o papel de professora, questionou-me: *"Taísa, você não fez a redação?"*. Observe: como a posição ideológica ocupada por minha mãe para mim é, por excelência, a de mãe, tal colocação soou-me apenas como as outras que ela fazia em casa como *"Filha, você não arrumou sua cama?"* ou então *"Taísa, por que você não almoça mais devagar?"*, ou seja, soou-me como colocações de mãe, que se preocupa com o filho e não com a colocação de professora, preocupada com o andamento da matéria e meu aproveitamento. Então naquele momento, o efeito gerado pela sua fala na minha foi o de mãe e não o de professora. Essa situação se explica pela confiança existente entre nós e que caracteriza a relação mãe-filha. É por isso que, mesmo que orientemos as mães a realizar com seus filhos exatamente o que fazemos no *setting* clínico, o efeito será diferente.

Recorte 2:

T e J estão brincando com miniaturas de animais:

1. J: Taíta, onde a gente pode pôr o tapo?

2. T: O tapo? (risadas)

3. J: Não Taíta, o tapo...

4. T: Acho que ele pode ficar junto com o cavalo porque..

5. J: (risadas) ....não não não, o TAPO tem que tá na tasa só dele.

6. T: Tudo bem, eu até acho que você tá certa. Vamos pôr cada um na sua tasa.

7. J: Taíta...(risadas)...é tasa Taíta, é tasa do cavalo...(J. começa a estalar a língua)

8. T: Como é que é? (T. olha para J.) O cavalo fica aonde?

9. J: Cavalo fica na tasa...taca, não...cava,..a Taíta, não qué saí.

10. T: Tudo bem J., pelo menos você já viu que tem hora que sai, né?

11. J: Vamu guardá eles pra num ficá sotinho, né? Senão chora.

12. T: Tá bom J., mas você quer ficar também?

13. J: Ficá também.

Novamente, o espelhamento do terapeuta (linhas 2 e 6) produz um efeito organizador na fala da criança, na medida em que propicia reformulações, sob a forma de substituições metafóricas (linha 9). No entanto, o estranhamento do terapeuta nem sempre propicia a mudança, o deslocamento da posição da criança em sua fala. Na linha 3, J. reconhece que, na fala da terapeuta, “tapo” não está certo, tem alguma coisa de errado. Mas isso não garante a sua produção correta. É o que Amoroso chama de “a criança permanecer presa no sintoma” (pág. 51).

Porém, é preciso conceber a cena clínica como o lugar do possível, possível de diferentes sentidos. Concordando com Freire & Cordeiro (1999, pág. 05), “a simples mudança da condição interacional é suficiente para o deslocamento do sujeito de sua posição na linguagem”. O efeito ressignificador do terapeuta se dá pela própria direção de sentido. O fonoaudiólogo restringe o sentido, concedendo à criança a oportunidade de se instaurar na língua, ou seja, ter um significado que antes estava solto.

A interpretação do fonoaudiólogo incide em “jogar com a língua”, criando situações que devolvam os erros, as falhas que a criança faz para que

sejam ressignificados dentro de um determinado contexto. Amoroso (2000) pontua:

> “O desaparecimento do erro, concomitante à ocorrência de pausas, reformulações, correções (diante da interpretação do outro) e autocorreções, todas sob a forma de substituições, implica no (sic) reconhecimento da diferença que se remete aos processos da linguagem” (pág 48).

Assim, configura-se uma outra posição ocupada pela criança, “onde ela representa um deslocamento do falante em relação a sua própria fala e à fala do outro” (Lemos, 1992, pág 11). O próximo recorte pode exemplificar melhor essa mudança de posição.

Recorte 3:

T e J estão recortando figuras de uma revista.

1. J: Taíta, vem...

2. T: J. o que você está achando?

3. J: Eu tô poculando a tasa da J...é onde a gente vai com a mãe e o pai, pra por tuto em ordem.

4. T: Então tá bom. Quando você achar a casa, né? Você me avisa. E eu, vou procurar o quê? Pode ser a minha casa?

5. J: Pode, votê que <u>sabe</u>....é Taíta,...saiu !

6. T: Saiu o quê?

7. J: Saiu <u>sabe</u> (risadas).

8. T: Nossa J. que legal...Você percebeu como é fácil?

9. J: Não pertebi não. Só sai Taíta se a J. quer.

Vejamos na linha 6 a criança capaz de controlar e efetuar tal mudança na sua posição discursiva. Após algumas tentativas em outras sessões que não essa específica do recorte, J. foi capaz de estabelecer uma relação singular com sua fala, regida pelo código, e se deslocar.

Não sabemos ao certo qual efeito vai gerar um deslocamento na posição discursiva da criança. Importante é frisar que sempre existe um efeito e é deste movimento construtivo que estamos falando.

Vejamos outro exemplo na seqüência do trabalho terapêutico.

Recorte 4:

1. T: J., o que foi?

2. J: Não tero.

3. T: Não quer o quê?

4. J: J. vai comer tuto sotinha, sem deixar pa Taita.

5. T: Ai coitadinha da Taísa, vai ficar sem comer?

6. J: É, vai porque ta tuto baguntado...e deixa a J. tabaiá!!!

7. T: Então ta bom, Dona J., eu ajudo a senhora a colocar ordem nessa casa que tá muito bagunçada mesmo. (T. começa a pegar os objetos e mostrar para J.).

8. T: O Dona, onde eu guardo esta colher?

9. J: Taíta Taíta, meu tasa ta fitando bonita. Senão a J. é tem que por o lito na ua.

10. T: Pra casa ficar bonita mesmo, eu vou colocar esse lixo na rua, né?

(J. pára de fazer o que estava fazendo, pega a mão de T e vai puxando-a)

11. J: Muito feio nininina, eu ta muito bava Taíta. Agola fica ati pa J... não converta. Ententeu? (J. aponta o dedo para T.).

(J. começa a falar sozinha arrumando os brinquedos)

12. J: Tuto eu, tuto eu, vem Taíta e também tala J...a tasa J., a tasa...eu sei que é também Taíta, mas não vê que a J. não fala assim.

Durante algumas ocasiões, como no recorte 3, J. recusava-se teoricamente a participar do jogo dialógico com a terapeuta. Dizemos teoricamente porque, apesar de demonstrar uma falta de vontade em se comunicar, as falas de J. são respostas à pergunta do outro e também são acolhidas como contribuições à seqüência dialógica. Além disso, sua brincadeira tem certa organização, o que reflete seu funcionamento interno de linguagem, que apesar de imensurável, se justifica.

Como pudemos observar, na fala de J. revela-se um domínio sintagmático, ou seja, seu enunciado é construído numa coerente progressão de idéias contextualizadas. O problema se manifesta na troca de fonemas, o que não se explica por nenhum nível de dificuldade articulatória, especificidade do caso analisado. O que chamamos de alteração interna da linguagem é exposta, nesse caso, sob a forma de escolha de fonemas, considerada um erro patológico, por que não é previsível nem tem ocorrência sistemática. Ela tem uma desorganização interna que gera uma escolha marginalizada pelo uso.

Recorte 5:

T. e J. estão brincando com bonecas e peças de uma cozinha:

1. T: J, vamos fazer uma comidinha pra gente almoçar?
2. J: Ah Taíta, eu já tá fazeno (J. começa a separar umas panelas)
3. T: E que tal a gente fazer macarrão?
4. J: Matarrão? Ah...eu num goto desse. (J. faz movimento de não com a cabeça).
5. Ah..J., matarrão é super gostoso, a gente põe molho de tomate...
6. Taíta, votê falou. (J. encara a T.)
7. Eu? Falei o quê?
8. Taíta, votê falô do ma..ta..rrão...(risadas)
9. Ma...ta...**RRÃO?**
10. Não! Votê falô ma...**TA**...rrão. Votê errô, Taíta.

Esse quinto recorte vem mostrar o papel da interpretação tanto da fala da terapeuta sobre a paciente como desta em relação àquela: ao ser posta no espelho (linhas 5 e 9), a criança teve oportunidade de ver a sua fala reproduzida na terapeuta e foi conduzida a perceber a ocorrência do erro. A estratégia aplicada foi do domínio do fonoaudiólogo, mas o momento

particular do paciente em sua condição interna mostrou a eficácia do trabalho aplicado. Não se trata mais da situação do início do processo terapêutico em que a fala da criança era objeto de interpretação apenas para o clínico. Agora, com o trabalho em curso, J. é capaz de interpretar-se porque lhe foram dadas as condições de objetivação – fora dela, portanto – de visualizar uma cena com o erro patológico que lhe era peculiar.

Sua interpretação, dando conta de que a terapeuta errou (linha 10), evidencia sua percepção de erro e suas expectativas para vencê-lo.

Nos cinco recortes abordados procuramos, de maneiras diferentes, convidar a criança ao diálogo para que, de algum modo, ela pudesse ser posta no espelho e “ficar sobre o efeito do outro” (Arantes, 2001, pág. 144). Só uma escuta particular do fonoaudiólogo, capaz de detectar o erro patológico e de lidar com ele, confere à interpretação um traço singular.

3.1.3 – Interpretação: a construção de um olhar

Ao longo deste capítulo, três momentos de interpretação distintos foram propostos: I (1) que incide sobre os dados colhidos na história do caso; I (2) como sendo a interpretação no *setting* clínico e I (3) que se assenta nos dados das transcrições, portanto *a posteriori*.

Em I(1) definimos a escuta como condição estruturante. Ter uma escuta singular para a fala, que envolve a especificidade do fonoaudiólogo, implica assumir a ideologia, posta em cena pela AD, como característica da linguagem e, portanto, inseparável do sujeito. Assumir um olhar para a AD é justamente aceitar que há uma ideologia vigente num determinado grupo social e que ela muito diz desses sujeitos. Acreditamos que o sujeito se assenta sobre uma cultura que é comum a seu grupo social. Nas entrevistas, o que deve estar em questão envolve uma escuta clínica que deve produzir um "deslocamento discursivo" (Arantes, 2001, pág 86) dos pais. O clínico tem espaço, por meio de pontuação e silêncio, para interrogar a fala desses pais e implicá-los no sintoma e no tratamento de seu filho.

Em I(2), determinada pela condição do *setting* terapêutico, o fonoaudiólogo é capaz de usá-la como técnica para gerar efeitos e ser também afetado por eles, situação ímpar em que a interpretação linguageira, por não privilegiar o erro patológico, não seria capaz de movimentar o paciente no seu jogo com a fala.

Com o reconhecimento das transcrições como material de análise fidedigno, que se soma à escuta clínica, a I(3) completa a situação clínica recortada, e por isso já interpretada, pois afeta a posição do terapeuta, já que o indaga sobre seu modo de atuação. Arantes (2001, pág 147) acrescenta:

> "A transcrição representa, porém, a possibilidade de um fonoaudiólogo responder ao como o sintoma se articula na cadeia significante nesse resto visível de corpo e voz. Essa distância da clínica certamente situa o clínico de linguagem numa outra posição, posição que implica distância do efeito imediato da fala do paciente. [...] A transcrição permite ler o diálogo, permite olhar a fala da criança, a do terapeuta e o jogo entre elas".

Essa distância do instante em que a fala e seu efeito se produzem pode ser capturada pelas transcrições, o que acrescenta à construção da história clínica um discernimento, pois o terapeuta já não se encontra mais

“ligado/fundido” ao seu paciente e, assim, outros efeitos dessas falas podem ser reconhecidos. Podemos acrescentar que, com a escuta refletida e instrumentalizados por uma teoria de linguagem, somos capazes de redimensionar o universo lingüístico-discursivo da criança por meio da troca, ou seja, a condição dialógica também é estruturante, mas ganha aqui um estatuto particular porque visa ao efeito reorganizador na linguagem patológica.

A **interpretação fonoaudiológica,** a partir dessa reflexão, como desencadeadora de novos sentidos, demanda um olhar especial para a fala do outro (porque ela gera efeito), sem o papel, a obrigação de corrigir, uma vez que entendemos que até o efeito patológico faz parte de um processo construtivo e necessário para a modificação na fala da criança. A marca da interpretação fonoaudiológica está no próprio *setting*, ou seja, é o *setting* terapêutico que permite uma relação dialógica ímpar entre terapeuta e paciente, permitindo **a interpretação enquanto técnica, instrumento clínico-terapêutico.**

As sessões com J. deram-nos condições para reafirmar algumas posições que nortearam este trabalho: **(1)** da incompletude - o caminho

trilhado pretendeu, através de uma abertura, um processo de desenvolvimento sem ponto final; **(2)** a relação dialógica fonoaudiológica - o par em sua interação, em busca de um fazer sentido dentro e fora do *setting* clínico; **(3)** a tendência de o terapeuta criar deslocamentos na posição discursiva do paciente, tornando-o agente de construção de linguagem, num processo de ressignificação; **(4)** a escansão, redizer o dito pelo paciente, abrindo-o - objeto da Fonoaudiologia no sentido de uma intervenção no enunciado do paciente.

Pensar a Interpretação como elemento indispensável à Fonoaudiologia é passo fundamental do trabalho nessa área. Entretanto não é um fim em si mesmo, mas um meio de operacionalizar, com dados concretos, a prática em clínica. Interpretar o outro tem pertinência para a Fonoaudiologia no sentido de procurar, através da especialidade, modos de se construir um método clínico próprio, capaz de atender a especificidade de um sintoma e de um sujeito, que vem em busca dessa clínica.

“Toda mudança é uma ameaça à estabilidade”. A ciência põe estacas para poder falar de seu objeto de conhecimento, mas ela não chega à estaticidade, pois é de sua natureza a dinâmica da construção. Não é diferente para a Fonoaudiologia: as referências para construí-la como disciplina de

orientação científica não podem perder de vista a instabilidade, não como ameaça, como pensa Aldous Huxley, mas como fundamento que garante partir da incompletude para conhecer deslocamentos dentro e fora do sujeito.

Considerações Finais

Optei por apresentar, separadamente, as duas abordagens lingüísticas que foram privilegiadas neste estudo. Penso que, dessa forma, ao atingir o capítulo da interpretação na clínica fonoaudiológica, eu e o leitor pudemos construir um espaço de reflexão em que questões da linguagem ganharam respaldo teórico para serem discutidas.

Acredito, pela visita à Lingüística, ter marcado o ponto de intersecção desta com a Fonoaudiologia: o conhecimento da *langue/parole*, o entendimento dos mecanismos de produção de linguagem.

No encontro com a Análise de Discurso, estou certa de ter levantado questões acerca da ideologia, que marca os discursos ou, melhor dizendo, os sujeitos, viabilizando o pensar sobre uma escuta clínica específica que não despreze a ideologia. Além disso, a interpretação imposta pela AD, enquanto disciplina teórica, exige a construção de dispositivos que a vinculem com uma teoria. A partir dessa proposta, cria-se para a Fonoaudiologia a possibilidade de também gerar dispositivos que norteiem teoricamente sua interpretação.

Com relação ao Projeto Interacionista em aquisição de linguagem, discutimos o estatuto do erro, bem como seu deslizamento para o campo

fonoaudiológico. Conhecer o processo de aquisição, o funcionamento da linguagem e os efeitos da interpretação linguageira fizeram-me refletir que, no *setting* clínico, esta interpretação dá lugar a outra, específica à Fonoaudiologia, pois o erro diagnosticado clinicamente, que estigmatiza o falante, não é o mesmo da aquisição.

Porém, cabe a Fonoaudiologia ir além da Lingüística. O diálogo teórico entre elas permite reconhecer a *Langue*, enquanto comum dentro de uma cultura. Na fala, expressão particular dos falantes, há sim a língua, mas é um funcionamento simbólico que cria as condições e a possibilidade de haver fala e falante. A especialidade, que garante à Fonoaudiologia seu trabalho clínico, não serve apenas para diagnosticar os erros patológicos e sim, para fazer seu paciente superar os seus limites, no que concerne à linguagem, para passar desse erro para o aprendizado comum aos outros falantes da língua, pautado pelo percurso de aprendizagem. Vimos que a interpretação dessa clínica tem seu singular, seu aspecto particular, apresentado sob a forma de recortes de sessões terapêuticas. Defini-la com técnica que visa a gerar deslocamentos na fala de seu paciente vem acrescentar ao método clínico, em construção, sua contribuição. Ao sugerir situações distintas de ocorrência desta interpretação (I-1, I-2 e I-3) acabei por simplificar algo que a complexidade das questões da

linguagem não pode prescindir. Assim, não pretendo pontuar posições definidas acerca da interpretação. Apenas iniciei o processo de deslocamento dentro da proposta, à procura de novos sentidos.

Mas, como separar fala de falante? Sabemos que as disciplinas tratadas aqui trabalham com uma concepção de ***sujeito*** da linguagem. Assim, o diálogo com a Psicanálise, que permite incorporar o sujeito à estrutura lingüística, também tem seu peso nas questões fonoaudiológicas. Ma este pensar fica em aberto para outros estudos.

Pratico aqui um ponto final, certa de que ele não existe.

Referências Bibliográficas

AMOROSO, M.R.M. – *Os Sentidos do Sintoma de Linguagem na Clínica Fonoaudiológica.* Mestrado em Fonoaudiologia, PUC/SP, 2000.

ANDRADE, L. – *Fonoaudiologia e Lingüística: modos de interpretação da linguagem.* Comunicação apresentada em mesa redonda intitulada "Os Caminhos da Fonoaudiologia". PUC/SP, 1996.

ARANTES, L. – O Fonoaudiólogo, este Aprendiz de Feiticeiro. In: *Fonoaudiologia: no Sentido da Linguagem*. Org.: Maria Francisca Lier-de-Vitto. São Paulo: Cortez, 2ª.edição, 1994.

ARANTES, L. – *Diagnóstico e Clínica de Linguagem*. Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC/SP, 2001.

BASSO, B.R. – Retardo de desenvolvimento de linguagem: algumas reflexões a partir da relação entre o fonoaudiólogo e seu paciente. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 30 (4), 1995.

FREIRE, R.M. - Análise da Afasia sob uma perspectiva discursiva. Em: *Fonoaudiologia: Recriando Seus Sentidos.* Passos, M.C. Editora Plexus, 1996.

- *Fonoaudiologia e Lingüística: Modos de Interpretação da Linguagem.* Texto inédito apresentado no Simpósio 50 anos PUC/SP, 1996.

– A questão do objeto da Fonoaudiologia. Texto inédito apresentado no II Seminário Introdutório promovido pela faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, 1996.

FREIRE, R.M.; CORDEIRO, D.T. - *Patologia de Linguagem: Uma Nosologia*. Texto inédito apresentado no Congresso da ABRALIN, Santa Catarina, 1999.

GUILHERMINO, D. – *Interpretação ou de como escutar na palavra e no silêncio.* Monografia apresentada ao curso de especialização em Distúrbios da Comunicação Humana – PUC/SP. São Paulo, 2000.

KOKANJ, A. - *A interpretação dos dados de linguagem e a interpretação na cena clínica: uma relação possível?* Monografia apresentada para Especialização no Cogeae, PUC/SP, 1998.

LEMOS, C.T.G. - Los processos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, vol.1, 1992.

– Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna.Trabalho apresentado na *The Trento Lectures and Workshop on Metaphor and Analogy*, organizada pelo Instituto per la Ricerca Scientífica e Tecnológica Italiano em Povo, 1997.

- Língua e Discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letra de Hoje*. Porto Alegre: vol 20, no. 4, 1995.

– A Criança com (o) ponto de Interrogação. *Aquisição da Linguagem. Questões e Análises.* Conferências e Mesas-redondas do IV Encontro Nacional sobre Aquisição de Linguagem. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

LEMOS, M.T.G. – A fala da criança como interpretação: uma análise das teorias em aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 30 (4), 1995.

LIER-DE–VITTO, M. F. A – Língua e Discurso: À Luz dos Monólogos da Criança. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 30 (4), 1995.

– Sobre a Interpretação. IN*: Cad. Est. Ling.* Campinas: (9), 1995.

– Subjetividade e linguagem: um olhar sobre a psicologia do desenvolvimento e a aquisição de linguagem. IN: *Distúrbios da Comunicação.* São Paulo: 9(1), 1997.

LIER–DE–VITTO, M. F. A & ARANTES, L. M. – Sobre os efeitos da fala da criança: da heterogeneidade desses efeitos. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 33 (2), 1998.

LOPES, E. – *Fundamentos da Lingüística Comtemporânea.* São Paulo: Editora Cultrix, 1986.

ORLANDI, E.P. - *Discurso e Leitura*. Campinas: Cortez/Unicamp, 4ªedição, 1988.

- *O lugar das sistematicidades lingüísticas na Análise do Discurso*. D.E.L.T.A, vol 10, nº 2, 1994.

- *Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 2ªedição, 1998.

- *Análise de Discurso - Princípios e Procedimentos.* Campinas: Pontes, 1ªedição, 1999.

PALLADINO, R.R, - *Reflexões sobre a Investigação de Linguagem em crianças pequenas*. Revista Distúrbios da Comunicação, vol 1, nº 1;1-11, 1986.

PÊCHEUX, M. - *O Discurso - Estrutura ou Acontecimento*. Trad: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2ªedição, 1997.

PEREIRA de CASTRO, M.F. – Ainda a negação: sobre a interpretação. IN*: Cad. Est. Ling*. Campinas: (29), 1995.

– A Interpretação: A fala do outro e a heterogeneidade da fala da criança. *Letras – Revista do Mestrado em Letras da UFMS*, 1997.

– Sobre a interpretação e os efeitos da fala da criança. IN: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 33(2), 1998.

SOBRINHO,A.- Dizer o Dito – A Questão da Interpretação na Fonoaudiologia. In: *Distúrbios da Comunicação*. 8(1), Educ, 1996.

Obras Consultadas

AZEVEDO, N. P. S. G. – *Uma Análise Discursiva da gagueira: Trajetórias de Silenciamento e Alienação na Língua.* Mestrado em Fonoaudiologia. PUC/SP, 2000.

CANGUILHEM,G. – *O Normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1966/1990.

CARVALHO, G. M. M. – Levantamento de questões sobre o erro em aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: 30(4), 1995.

FERREIRA, A. B. H. – *Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa.* São Paulo: Editora Nova Fronteira/Folha de São Paulo, 1995.

FONSECA, S. C. – A instancia clínico-terapêutica da Fonoaudiologia. *Interfaces*. São Paulo: (3), 1997.

FREIRE, R. M. & RODRIGUES, A. C. – O papel do fonoaudiólogo na terapia da afasia. IN: Distúrbios da Comunicação, São Paulo, 6(2):129-40, 1994

LEITE, N. – *Psicanálise e Análise de Discurso. O Acontecimento na Estrutura.* Rio de Janeiro: Editora Campo Matêmico, 1994.

LEMOS, C. T. G. – Da morte de Saussure o que se comemora? IN: *Psicanálise e Universidade*, no.3. São Paulo, PUC/SP, 1995.

- *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem.* Tese de doutorado. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LIER-DE-VITTO, M. F. – *Fonoaudiologia: no Sentido da Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MILNER, J. C. – *O Amor da Língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. P. – *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

PARLATO, E. M. & SILVEIRA, L.F.B. – *O Sujeito entre a Língua e a Linguagem. São Paulo*; Editora Lovise, 1997.

PASSOS, M. C. – *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus, 1996.

PÊCHEUX, M. – *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RUBINO, R. & FONSECA, S. – *Sobre o normal e o patológico na linguagem: algumas questões.* Texto inédito apresentado em Seminário da Faculdade De Fonoaudiologia da PUC/SP, 1998.

SAUSURRE, F. – *Curso de Lingüística Geral.* Trad. Chelini, Antônio et all. São Paulo: Cultrix, 1999.

Carta de Informação ao Participante

Prezado(a) Sr(a):

Esta pesquisa se propõe a realizar um estudo sobre a ***interpretação*** na clínica fonoaudiológica, culminando em uma dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia, no Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP.

Os objetivos do trabalho são: estudar a interpretação, pelo viés da Lingüística, entrecruzando fundamentos do Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem e da Análise de Discurso, a fim de compreender este movimento clínico, sob o ponto de vista do funcionamento da linguagem. A intenção é que os dados obtidos possam servir de base para um novo olhar fonoaudiológico na clínica.

Sua participação na pesquisa dar-se-á a partir da autorização de gravação das sessões fonoaudiológicas com seu filho (a) em fitas magnéticas, posteriormente transcritas e analisadas. Das sessões transcritas, serão selecionadas recortes discursivos que comporão o material de análise que exemplificará o estudo da interpretação clínica.

Em hipótese alguma, o (a) participante da pesquisa será identificado. A identificação será apenas de conhecimento do pesquisador, que nada revelará, por questões éticas.

O (a) participante fica livre para, em qualquer momento, retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo.

São Paulo, ____ de _____ de 2000.

_____

Participante

Termo de Consentimento

Eu,_____,RG_____declar o ter sido informado, verbalmente e por escrito, a respeito das filmagens e gravações realizadas com o menor _____, conduzidas pela fonoaudióloga Taísa Giannecchini Souza Neiva, CRFa. 7186/SP e **autorizo** sua reprodução para fins acadêmicos e científicos, uma vez que foram garantidos o meu anonimato e total sigilo sobre os dados do paciente.

São Paulo, _____ de _____ de 2000.

_____

Assinatura do responsável